

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA APRENDIZAGEM

Kátia Aparecida Cândido (FAEESP)¹

Liliane Andrea Huang de Azevedo Mimoto (INESP)²

Resumo

Esse artigo investiga o ato de contar histórias como uma ferramenta para a aprendizagem do aluno, não apenas numa abordagem didática, mas de forma ampla para a apreensão do conhecimento de forma global. Por meio da prática do contar histórias, é possível tratar de vários temas de interesse dos aprendizes de maneira interdisciplinar, instigando sua curiosidade, estimulando sua imaginação e promovendo intercâmbio cultural. Dentro desta perspectiva, é necessário que o contador/professor tenha consciência de seu papel como mediador deste processo e busque um enfoque qualitativo, por meio de técnicas diversas e envolvimento afetivo com o ato de contar, permitindo abrir perspectivas novas ao ouvinte/aluno e mediando este processo, auxiliando no desenvolvimento da linguagem oral e escrita, capacitando para argumentação retórica, além de colaborar para criação de indivíduos criativos e participativos.

Palavras-Chave: contar histórias, professor/contador, aluno/ouvinte

Abstract

This article investigates the storytelling act as a resource to the student's learning, not only as a didactic approach, but as a wide knowledge that allows a deeper global learning. Through the storytelling practices it is possible to deal with different student's interest concerning the interdisciplinary way between subjects issues, stimulating his/her curiosity, his/her imagination and making an cultural interchange. Within this perspective, it is required that the storyteller/teacher be aware of his/her importance as a mediator into this process. It's important that this educator look for a qualitative approach using different techniques and looking for an affective encircling force with the storytelling act allowing new perspectives to listener/student during this process. The storytelling helps in the oral development and written language, enabling argumentation and rhetoric as well as collaborate to make creative and participative individuals.

Keywords: storytelling, storyteller/teacher, listener/student

¹ Mestre em Psicologia Educacional pelo Centro Universitário da Fundação Instituto de Ensino para Osasco (UNIFIEO). Pós-graduada em Psicopedagogia. Especialista em Alfabetização e em Gestão. Licenciada em Artes Visuais e em Pedagogia. Professora de Educação Básica da Rede Estadual de Ensino. Coordenadora e docente na Faculdade Aliança Educacional do Estado de São Paulo (FAEESP).

² Especialista em Alfabetização e Letramento pelo Instituto Nacional de Ensino Superior e Pesquisa (INESP). Graduada em Pedagogia. Bacharela em Desenho. Professora da Educação Básica nas Redes Municipais de Ensino de Carapicuíba e Osasco.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Introdução

A maioria das histórias costumam começar com as conhecidas palavras “Era uma vez...”, entretanto, tais palavras apesar de tão repetidas e ouvidas não cansam, ao contrário, funcionam como um encantamento; um chamado mágico para um mundo a ser descoberto e compartilhado nesta relação contador/ouvinte. Apesar de todo aparato tecnológico contemporâneo, o calor desta relação humana, quando bem conduzida, traz um envolvimento e deixa marcas no interior de quem ouve, e pode ser tão rica a ponto de fazer com que aquele ouvinte construa significados, subjetividades e aprendizado.

No universo escolar, a linguagem oral é preterida muitas vezes, em função da priorização da linguagem escrita, já que vivemos em um mundo letrado e se faz necessário o domínio do código da escrita. Assim, ao longo do processo escolar o ato de contar histórias, embora utilizado em alguns momentos, é subestimado e subaproveitado, funcionando mais como entretenimento ou ferramenta didática para interpretação de textos.

Defendemos que o contar histórias permite por meio de um despertar íntimo e afetivo, inserir aquilo que é essencial no ato de aprender: a capacidade humana de maravilhar-se, de buscar significado ao que se ouve, de criar conexões com suas vivências e experiências, de exercitar a imaginação e interagir diretamente com o ouvinte ampliando sua percepção de mundo, abarcando naquilo de Morin (2011) define como aprendizado pertinente, ou seja, aquele aprendizado que confere ao indivíduo capacidade de articular informações, perceber o contexto na qual tal informação foi gerada, relacioná-la ao todo e a sua própria subjetividade. Segundo Morin (2011, p. 86) “A ética da compreensão é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado”.

É importante destacar que em educação, é o despertar da curiosidade que leva crianças, adolescentes e mesmo adultos a desenvolver o desejo de aprender o que lhe é apresentado. Ao mesmo tempo, como seres falantes, salientamos que ao contar histórias, resgatamos a oralidade e é esta que insere o sujeito em sociedade, já que ela não limita sua existência apenas ao âmbito escolar.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

A escola funciona como o microcosmo da sociedade, há que se pensar se estamos preparando bem nossos alunos para estarem aptos a falar/ouvir, exercício que também deve acontecer dentro e fora da escola, uma vez que vivemos em sociedade. Quanto a isso, os próprios Parâmetros Curriculares em Língua Portuguesa (PCN) apontam que “Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua (BRASIL, 1997, p. 38). O mesmo documento reitera a necessidade da oralidade como meio de compreensão de mundo:

[...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes. Essas diferentes dimensões da linguagem não se excluem: não é possível dizer algo a alguém sem ter o que dizer. E ter o que dizer, por sua vez, só é possível a partir das representações construídas sobre o mundo. Também a comunicação com as pessoas permite a construção de novos modos de compreender o mundo, de novas representações sobre ele. (BRASIL, 1997, p. 22)

Ao se observar o processo de escolarização, percebemos que o currículo ainda é muito atrelado ao formato fragmentado das disciplinas, que seleciona e compartimenta aquilo que considera ser necessário a ser aprendido. Apartado do todo, os diversos conteúdos abordados durante o processo educativo se tornam muitas vezes desinteressantes aos alunos e são rapidamente esquecidos ou superficialmente assimilados porque muitos deles apresentam dificuldade de juntar essas partes fragmentadas num todo que lhes dê sentido.

O ato de contar histórias constitui, nesta perspectiva, uma ferramenta auxiliar no processo ensino aprendizagem integral, necessário ao indivíduo contemporâneo, num mundo globalizado onde abarcam novos desafios à educação, porque oralmente descortina um aprender curioso, que o próprio ato de contar estreita e submete quem o ouve, de forma lúdica e onírico.

Neste contexto, enfatizamos a postura do contador de histórias, que tem papel

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

decisivo na mediação deste processo ensino aprendizagem. Se for docente, sua responsabilidade é ainda maior, porque conhecedor dos processos didáticos, não deve se ater somente a estes de forma tecnicista, mas abrir com sensibilidade e delicadeza uma visão mais ampla, de sentido afetivo e cultural. Sua postura é, portanto, crucial na formação deste aluno/ouvinte.

1 Contar histórias não é ler um livro: a postura do contador

1.1 A origem do contador de histórias

O contador de histórias é o meio entre a mensagem e o destinatário; por meio de recursos diversos envolve o ouvinte e dá vida a narrativa. Em algumas culturas, onde ainda é forte a presença da oralidade e a escrita é pouco dominada, a figura do contador é proeminente. É o guardião da sabedoria e da cultura popular, da memória social de alguns grupos, como a figura do griô³, atuando como elo de ligação entre a palavra e a cultura/tradição de seu povo, ensinando segundo Nkama (2011, p. 250) “que a palavra é um ritual sagrado, a qual se deve fazer uso com muita responsabilidade”. Aquele que detém a palavra tem poder formação significativa na relação com o ouvinte.

Contar histórias faz parte da natureza humana, no momento em que os indivíduos começaram a falar, sentiram a necessidade de contar histórias. Era um meio de transmitir conhecimentos e modos de vida, de divertir. Acima de tudo, a forma da cultura de determinado grupo permanecer viva e foi neste contexto, há milhares de anos, que surgiu o contador de histórias.

Esta atividade, com o passar do tempo se desmembrou; com o advento da escrita e mais tarde a criação de outros meios de comunicação, encontrou no teatro e nas artes

³ Muito presente em algumas culturas africanas o griô ou griot é como são chamados os contadores de histórias por alguns povos da África. Possuem uma função especial que é a de narrar as tradições e os acontecimentos de um povo. O costume de sentar-se embaixo de árvores ou ao redor de fogueiras perdura até hoje. Os griôs também são músicos e, muitas vezes, suas narrativas são cantadas. O império de Mali, sob o comando de Soundjata Keita, por volta do séc. XIII, confere importância notável a estes sábios. A construção da história da base oral é marca dos povos africanos antigos e o griô tem papel fundamental em sua estruturação (NKAMA, 2011).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

cênicas um espaço de existir, motivo pelo qual nos dias atuais encontramos muitos contadores profissionais que têm formação teatral. Por outro lado, como esta arte nasceu da necessidade cultural de lidar com o aprendizado de grupos de determinada sociedade, sempre esteve atrelada à prática educativa.

Enfatizamos assim uma distinção: nem todo contador de histórias é professor, e nem todo professor é contador de histórias, porém não há dúvidas que existem pontos de contato entre estas duas práticas. O contador de histórias funciona como catalisador cultural, ele devolve por meio de sua contação anseios e desejos de determinado grupo social. Ele conquista seu ouvinte com o poder de sua narrativa, com o envolvimento emocional que cria com seu público e o conhecimento profundo que têm das histórias que conta.

As histórias necessitam da ação ativa do contador para se realizar no tempo/espaço; ele é figura mediadora do processo ao apropriar-se da história que contará, utilizando recursos como a voz, o corpo, imagens e objetos entre outros que compõem uma atmosfera envolvente e mágica. Ao serem utilizados, esses recursos envolvem o ouvinte e desencadeiam uma relação prazerosa para ambas as partes.

1.2 O professor/contador de histórias

O objetivo de todo professor é ser mediador no processo de aprendizado de seu aluno. O professor/contador de histórias, porém, se apropria do ato de contar histórias conseguindo interagir mais profundamente com seu aprendiz. A oralidade é instrumento constituinte e construtor de conhecimento, servindo tanto de ponte para o exercício da leitura e do diálogo quanto para o processo de aquisição da escrita, de acesso à conteúdo a serem aprendidos, além de agente construtor de uma identidade cultural e memória afetiva, pois só apreendemos aquilo que de alguma forma para nós têm significado.

É notório nos depararmos com docentes que dizem ter dificuldade em fazer com que seus alunos se interessem por determinado conteúdo, ou que os mesmos tenham uma postura tediosa perante uma escola que muitas vezes tem perfil meramente conteudista e aborda conceitos a serem aprendidos de forma mecânica. O próprio documento que orienta

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

a educação em território nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais em língua portuguesa (PCN's), orientam em seu texto à utilização da oralidade como necessário à prática pedagógica em sala de aula:

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter em boas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas. Para isso, é necessário diversificar as situações propostas tanto em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos formais e ao tipo de atividade que demandam — fala, escuta e/ou reflexão sobre a língua. (BRASIL, 1997, p. 38-39)

Concomitante ao documento, podemos dizer que contar histórias pode ser considerado ferramenta didática capaz de auxiliar os alunos a construir por si próprios conceitos e significados, levando-os a uma reflexão sem utilizar didatismo maniqueísta e simplório. Porém, é preciso lembrar que este objetivo só é possível de ser conquistado mediante uma postura adequada do professor que se colocar como contador de histórias de forma adequada a fim de potencializar o uso do material que tem em mãos, no caso, as histórias.

A primeira questão a ser considerada é que o professor/contador é aquele que instiga o aluno/ouvinte. Disto isto, é preciso que ele primeiramente deva sentir um apreço, um envolvimento com a história a ser contada. A escolha do que contar é essencial, direcionada a seu público específico e na faixa etária condizente. Não serve qualquer história e é preciso preparo para contá-la, com envolvimento afetivo de quem conta, entusiasmo e interesse.

O autor da história é objeto de estudo do professor/contador, porque o conhecimento sobre quem escreveu auxilia a abordagem a questões interdisciplinares que possam ser levantadas. Ao selecionar um texto, o professor/contador diz muito também sobre si. Portanto é preciso se perguntar os motivos de sua escolha como o gosto pelo texto e o autor, o desejo de transmitir algo que a história lhe transmita, a identificação com as personagens, o contexto em que acontece e essencialmente pela emoção que a história lhe desperta.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Tendo o contador interiorizado seus porquês, tanto passará ao ouvinte a emoção e o desejo de envolver-se com a história e criar seus próprios contextos e indagações sobre o texto. Sisto (2012, p. 42) é enfático ao dizer “[...] quem conta é senhor absoluto dos recursos que utiliza para ‘vivificar’ a história”.

Percebe-se aqui, que o contador/professor pesquisa a história e o autor antes de contar, revelando-se ser antes de tudo um leitor cuidadoso e árduo pesquisador. O professor leitor desperta em seus alunos a mesma paixão que tem pelo texto que se propõe a contar objetivando formar futuros leitores e diluindo o peso do que seria a obrigatoriedade de uma leitura posterior podendo transmutá-la em prazer de reviver um texto oral.

Lembrando que existem fases características para cada tipo de leitor. A do pré-leitor, que tem duas fases distintas, de 0 a 3 anos, em que a criança começa o processo de reconhecimento do mundo ao seu redor e do contato afetivo, e o 3 a 6 anos, fase em que seu vocabulário se expande a imaginação e a realidade se confundem, sua percepção de mundo é maniqueísta e seu perfil egocêntrico. Esta fase é seguida pela do leitor iniciante, que tem entre 6 a 7 anos, e está começando a ler sozinho, mas ainda depende de um adulto para estimulá-lo.

Subsequentemente, teremos a fase do leitor em processo, que compreende entre 8 e 9 anos, na qual o mecanismo da leitura já é dominado e seu pensamento está mais maduro, permitindo que realize operações mentais e se interesse por todo tipo de conhecimento e desafios, evoluindo para o leitor fluente, estágio que inicia-se por volta de 11 anos e é caracterizado pelo domínio da leitura, pelo aumento da capacidade de concentração e do desenvolvimento da autonomia, conseguindo realizar atividades individuais, dado o processo de auto afirmação.

Finalmente, a fase do leitor crítico, etapa que começa a partir dos 12 ou 13 anos, caracterizado pelo domínio total da leitura e da linguagem escrita. Nesta época da vida, há um aumento da capacidade de reflexão, permitindo a intertextualização. E que acompanha o leitor ao longo da vida, pois quanto mais este lê e compreende a leitura, mais refinadas ficam suas capacidades de contextualizar.

Ciente de quem é público específico, o professor/contador adequa o texto ao

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

ouvinte, extraindo o essencial e valorizando o texto em suas especificidades, encontrando o melhor caminho para contar a história, considerando a faixa etária, libertando a história de padrões massificantes. Ele enfatiza as diferenças no contar, valoriza regionalismos para se aproximar do universo daquele que o ouve. Como mediador do processo, sua postura determina em grande parte se o texto na forma oral será apreendido pelo aluno/ouvinte.

Um dos problemas que ocorre durante este processo quando se é docente, é que durante o ato de contar, muitas vezes se incorre num didatismo desnecessário, num afã de atingir o aluno com o conteúdo que de alguma forma está presente na narrativa. Quando uma história é contada como se estivesse sendo explicada, ela não cria um clima propício para seu desenvolvimento, nem mostra a emoção do narrador, das personagens, do texto. História tem que ter uma emoção auditiva e imaginativa/visual, é preciso deixar este “espaço perceptivo” para o aprendiz/ouvinte.

A escolha das obras segundo Coelho (2000, p. 10) podem seguir dois critérios de obras literárias; as inovadoras e as continuadoras. Ambas são importantes para construir o repertório do ouvinte, porque enquanto as primeiras incitam um questionamento de mundo, impelindo quem as ouve a transformá-lo (como as indagações/reflexões da personagem Emília de Monteiro Lobato ou de Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll); as segundas representam o mundo tal qual ele é, de modo que seja possível compreender as consequências das escolhas que fazemos por meio dos modelos nele representados (este presente em fábulas, mitos e contos de fadas, por exemplo). As duas vertentes de histórias se complementam, estimulando um processo dialógico entre a mensagem e o cognitivo do ouvinte, de maneira que este possa criar suas próprias concepções de mundo. Como Coelho (2000) afirma:

O que define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente, dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face ao mundo que o rodeia, e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que deve atuar quando chega sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p. 151)

Existem, como percebemos, histórias com intenções distintas, como parte integrante de um contexto cultural, moldado em determinado contexto histórico que

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

detêm determinada intenção educativa, que tratam por meio da própria história contada de incorporar ao ouvinte informações a serem assimiladas a fim de se tornarem aprendizagem. Mas existe um outro aspecto importante a se considerar, o que Coelho (2000) define como intenção artística, característica da literatura em si que envolve o estilo, originalidade e criatividade da própria narrativa. É esta que captura o aluno/ouvinte pela própria força de sua narrativa e instiga sua curiosidade e imaginação, envolvendo-o e lhe deixando marcas profundas.

Sem um equilíbrio entre estes dois aspectos, as histórias se tornam cansativas, sobrecarregadas de informação e sem nenhuma fantasia, de cunho apenas educativo e explicativo, é como se fosse um livro didático. “Sem estarmos motivados para a descoberta, nenhuma informação, por mais completa e importante que seja, conseguirá nos interessar ou será retida em nossa memória” (COELHO, 2000, p. 48). Ao mesmo tempo, se voltada apenas para o estilo, pode ficar fragmentada e sem contexto, impedindo uma compreensão maior.

A narrativa não acontece sozinha no ato de contar, necessita do suporte para acontecer e, neste contexto, o professor/contador atuando como mediador, ao imbuir-se da história, é que faz a diferença; para isto, existem recursos que ao serem utilizados, envolvem o ouvinte e desencadeiam uma relação produtiva para ambas as partes.

A voz é o primeiro elo entre o ouvinte e o contador. Embora pareça óbvio, nem sempre ela é bem utilizada. Quando o ouvinte se envolve com a história, deixa de ver quem a verbaliza como uma pessoa, esta passa a ser agente da história. Ao contar, a entonação da voz se faz necessária, não de forma monocórdia, mas variando ritmo e cadenciando conforme ocorre a narrativa.

O timbre deve ser adequado, pode variar: grosso, fino, infantil, gutural entre tantos, conforme a necessidade de expressão da personagem. Imitações sonoras de ruídos que podem ser produzidos com os mais diversos materiais dão vida ao contar e mesmo pausas e silêncios em momentos oportunos são importantes para se criar a atmosfera desejada para envolver o ouvinte. Muitos professores que se propõem a contar, deixam de utilizar este recurso por insegurança, por receio de se expor, porque

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

acreditam ser necessário ter uma postura distante e autoritária para impor disciplina aos alunos. Entretanto, o próprio momento do contar, dá a licença poética que permite ao contador adquirir outra persona, algo que vai além de sua dimensão humana para se tornar instrumento da própria história.

O corpo também age como veículo para o contar, não se trata aqui de atuar, como fazem os atores; mas utilizar o corpo, utilizando gestos ou sinais, que podem sintéticos ou amplos para capturar a atenção do ouvinte e tornando-o extensão da própria narrativa; muitos professores, ao contar, ficam estáticos com o livro à mão, perdendo a oportunidade de cativar seus alunos: um simples curvar-se, um piscar de olhos, gestos simples, podem ser suficientes.

Dentre as abordagens utilizadas para contar, recursos complementares diversos, como imagens, objetos, música e outros, enriquecem a interação contador/ouvinte. São ferramentas de grande valor porque também estimulam a imaginação. As crianças contemporâneas vivenciam uma superexposição visual, desde imagens televisivas até o ritmo frenético dos videogames e celulares, num bombardeio de imagens em crescente velocidade para a assimilação dos indivíduos. Este é aliás, um dos problemas que enfrentam muitos professores, pois seus alunos são incapazes de manter o foco frente a tantos estímulos aplicados de forma acelerada, o contar, nesta circunstância, auxilia a reaprender a ouvir e a contemplar, diminuindo o ritmo frenético a que os alunos estão constantemente expostos no mundo contemporâneo.

Não se trata de utilizar recursos caros ou tecnológicos durante a narrativa, existem aqueles que atuam na rede escolar e se utilizam do pretexto da falta de recursos financeiros para oferecer ao seu aluno/ouvinte material de apoio ao contar uma história. Aqui entra a criatividade professor/contador, pois qualidade não está necessariamente atrelada à valor financeiro; o material utilizado não precisa ser caro ou mesmo comprado, a engenhosidade do contador faz a diferença, dando espaço para que o próprio ouvinte exercite sua imaginação, indo além de um trabalho puramente didático, oferecendo também uma experiência estética.

Embora a essência continue oral, cria-se um mosaico onde se acrescem outros

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

elementos sensitivos que enriquecem esta experiência, desde que tenham ligação com o contexto narrativo: “[...] valia a pena utilizar tudo o que oferecesse movimento e beleza para as histórias, tudo o que contribuísse para o prazer estético delas, porém que não fosse apenas um enfeite, mas sim que se justificasse pela natureza da história, pela cultura a ser abordada, pelo público-alvo” (PÉREZ, 2012, p. 154).

Dessa forma, até um punhado de algodão pode se transformar em um carneiro, um bule num pássaro, uma lã comprida no cabelo da Rapunzel, um chocalho numa cobra... recursos simples, que além de instigar a imaginação, humanizam as relações entre narrador/ouvintes.

Há uma outra questão na escolha da representação de objetos em contação de histórias; quando utilizamos tais técnicas, flertamos com o brincar e o desenvolvimento da linguagem simbólica das crianças. Isto leva a uma preparação para a apreensão do pensamento abstrato, que é essencialmente simbólico, pois como bem observou Vygotsky (2010, p. 130): “O mais importante é a utilização de alguns objetos como brinquedos e a possibilidade de executar, com eles, um gesto representativo”.

Assim, ao contar histórias com objetos, brincando de faz-de-conta, oferecemos às crianças a ideia do objeto como signo independente. Este é um fato importante, pois perceber a independência do signo do objeto, faz com que a criança possa apropriar-se da conceituação abstrata, ferramenta que será por ela utilizada também na escrita.

Voltemos ao exemplo do punhado de algodão: ele é um símbolo do carneiro; a criança compreende no desenrolar da história, que este não é o carneiro, apenas representa o carneiro. Na escrita, assim como no contar, a grafia da palavra carneiro, representa simbolicamente o animal carneiro. Percebemos assim, que ao contar se utilizando de recursos como estes objetos e lhes dando caráter simbólicos, estaremos colaborando ludicamente na fase preparatória para a escrita, ao trazer esta ideia de objeto símbolo, pois segundo Vygotsky (2010, p. 117): “Um estágio vital de transição em direção à operação com significados ocorre quando a criança lida com significados como se fossem objetos” configura-se dessa forma um ciclo oral/escrito essencial na

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

formação no processo de aprendizado de todo ser humano.

2 Ouvir histórias – processo de reflexão e diálogo

A aprendizagem é um processo dialógico, tanto do aprendiz com o mediador, como do aprendiz consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Num primeiro momento pode-se pensar que o ouvir não faz parte deste processo, o que se constata como falso, porque todo diálogo compreende duas fases: o falar e o ouvir. Ademais, o ouvinte exercita também o falar e ouvir interior, enquanto linguagem e desenvolvimento de pensamento. Todo pensamento é em sua essência verbal.

Vygotsky postula que é a linguagem que organiza o pensamento, por conseguinte a ação, em busca de soluções para atividades humanas cotidianas.

Através da fala, ela planeja como solucionar o problema e então executa a solução elaborada através de uma atividade visível, a manipulação direta é substituída por um processo psicológico complexo através do qual a motivação interior e as intenções, postergadas no tempo, estimulam o seu próprio desenvolvimento e realização. (VIGOTSKY, 2010, p. 14)

O que se apreende disto é que a linguagem, que se origina num primeiro momento como fala externa, aos poucos se interioriza como fala interna, num processo de reflexão. Pode-se pensar que ouvir histórias é um ato passivo, por não envolver uma ação, mas não se pode esquecer que ao escutar se processa uma informação recebida em forma de narrativa, que produz um diálogo interior, processo de reflexão que influi nas ações subsequentes que estes indivíduos realizarão ao longo de sua existência.

Nesta perspectiva, oralidade se coloca como peça fundamental do processo organizador da atividade humana. O ato de contar histórias contribui para que o ouvinte possa evoluir em sua formação cognitiva, e no caso dos alunos, não representa somente um instrumento de formação acadêmica, mas também ferramenta para um entendimento prático, significativo nas realizações de quaisquer funções a serem desenvolvidas, sejam escolares ou não. Falar e ouvir têm papel fundamental em relação a mente humana tanto no processo de organização mental como na construção da relação simbólica sujeito/mundo, sendo instrumentos de uso intrapessoal e interpessoal.

Observando o contexto escolar, a prática de contar histórias por um

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

professor/contador gera um intercâmbio: primeiro entre o contador e ouvinte, processo de aprendizagem não só na assimilação do que oferece a narrativa, mas também exercício do ouvir, pois ouvir em comunicação, também é um processo a ser aprendido e exercido em sociedade. Um segundo ponto, converge para um diálogo interno, no qual o aluno/ouvinte constrói seu próprio conhecimento, convergindo as informações recebidas, seus conhecimentos prévios e subjetividades, criando suas próprias concepções de mundo. O terceiro ponto é a possibilidade de uma interação social, conseguida por meio de atividades propostas pelo professor/contador nas chamadas rodas de conversa que desenvolvem o poder de explanação, do diálogo e da argumentação entre seus pares, que fazem parte do convívio e atividade política de todos enquanto indivíduos sociais.

2.1 Aprender a ouvir /escutar

O princípio é simples, ao aprender a ouvir, aprendemos também a falar. Socialmente, significa adquirir uma competência oral para se comunicar com eficiência. O fato é que se precisa treinar o ouvir, para refletir sobre o discurso apresentado; a partir daí, ocorre um salto qualitativo, e ouvir transmuta-se em escutar. A diferença está no fato de que escutar é ouvir com atenção, entendendo o que foi dito e processando a informação.

No âmbito escolar, docentes alegam que muitos alunos possuem dificuldade em ouvir coletivamente; não deixam o professor falar, porque falam ao mesmo tempo que o docente. Se o ouvir não é praticado, o escutar de forma coletiva é comprometido, já que neste momento é necessário ir além do ouvir, sendo fundamental dar atenção ao que é dito.

Sem estes dois itens mencionados, o expressar-se com clareza e o argumentar são prejudicados, pois para argumentação é indispensável elaborar pensamentos. Essa elaboração de pensamentos passa indubitavelmente pelo escutar via processo de fala interna, já explanada anteriormente em Vygotsky, para se formular uma reflexão, base do processo argumentativo. Numa discussão, sem estes precedentes assim, o argumentar perde foco e resvala em impressões superficiais comprometendo o aprendizado pertinente

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

postulado por Morin (2011).

Sendo a escola um microcosmo da sociedade, há que se pensar: estamos preparando bem nossos alunos para atuar em sociedade como cidadãos capazes de escutar e argumentar? O falar/ouvir/escutar deve também ser praticado na escola. O contar histórias neste sentido, sob orientação de um professor/contador, funciona como exercício de argumentação. Nas rodas de conversa que são organizadas após a contação, os alunos podem discutir, expressar suas ideias, trocar hipóteses e aprender a falar, ouvir e escutar.

Lembramos também que ao contar, um bom professor/contador faz uso eloquente da palavra, escolhe-as de forma concisa e elabora um discurso em forma de narrativa, o qual presenteia seu ouvinte-aluno. Torna-se assim, referência para seu aluno e exemplo claro do uso do discurso.

A educação na antiguidade clássica já previa o falar/ouvir como fundamental, sendo o falar bem e comunicar-se uma das bases da educação na formação dos aprendizes, valorizada pelos gregos como parte essencial da formação do cidadão. O filósofo Aristóteles inclusive, dedicou um estudo intitulado “retórica” apenas para tratar deste assunto. A própria palavra retórica vem do termo grego “rhetorike”, que significa a arte de falar bem, de se comunicar de forma clara e conseguir transmitir ideias com convicção. Ela corresponde à formulação de um pensamento através da fala e por isso depende em grande parte da capacidade mental do orador, que precisa organizar e articular as ideias durante sua fala.

Entretanto, o falar é incompleto sem sua contraparte, o escutar. É no contar histórias e nas rodas de conversa sobre as mesmas que o aluno, em sua formação de cidadão pode exercitar essa prática. Ouvir requer bastante esforço e controle para a colocar a palavra no momento correto, não sendo o único a falar, mas aprendendo a dialogar com o outro. Por este motivo, Pelegrin (1982 apud NKAMA, 2012, p. 262) afirma ao que chama de ouvido grupal:

[...] não é algo que vem automaticamente as pessoas que se reúnem para uma atividade, mas se cultiva e se treina, individual e coletivamente Um grupo de meninos e meninas acostumados a ouvir histórias em uma biblioteca ou em uma sala de aula “entrará” com mais facilidade em qualquer aventura que envolva o ouvir, sejam filmes, seja teatro, sejam até mesmo explicações do professor de Matemática ou de Ciências Naturais. A experiência tem mostrado que alunos de colégios ou frequentadores de bibliotecas públicas onde essa

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

atividade está incorporada na programação regular muitas vezes mostram altos níveis de audição, em geral de atenção em sua vida cotidiana; ocorre o mesmo com as crianças cujos pais contam histórias antes de dormir.

Assim, ao se contar histórias e fazer rodas de conversa posteriores com determinado grupo, desenvolve-se a capacidade do aluno/ouvinte manter-se atento e conectado ao que lhe é exposto, exercitando com os participantes deste mesmo grupo o momento correto de colocar-se individualmente e de dialogar, argumentar seus pontos de vistas e percepções, interagindo com outros do grupo.

2.2 Oralidade – construção de subjetividade e cultura

A linguagem é parte integrante da vida em qualquer sociedade. Ao falar compartilha-se cultura. Para que o processo seja completo é preciso um ouvinte, assim, se estabelece um diálogo, não só de um para outro, mas daquele que escuta e interage com suas próprias percepções de mundo. Todo aluno possui um repertório pessoal, não se pode dizer que não tenha vivências, que não traga algo consigo. Suas referências pessoais são a base de seu processo ensino/aprendizagem.

Durante o contar de uma história se dá uma experiência de cunho humanizante, pois estimula-se o convívio. Remete-se ao conceito de Vygotsky de Zona de Desenvolvimento Proximal, uma vez que ocorre no contato com outro indivíduo, e ao processo de apreensão e ressignificação individual do sujeito.

A elaboração e ressignificação conceitual é uma troca entre o ambiente externo (meio) e o interno (subjetividade), no qual existe um processo epistêmico. Num momento pós contação, nas rodas de conversa, há um cruzamento de informações sobre um assunto específico, no caso a história, que é conduzida pelo professor/contador. Os alunos envolvidos neste processo participam inferindo, utilizando-se de seus conhecimentos prévios advindos de seu repertório individual, com seus próprios pontos de vista, que se complementam ou se opõem com o dos outros indivíduos, criando enfoques diversos sobre o tema que retroagem nestes mesmos sujeitos, criando, por conseguinte, reflexões, promovendo uma experiência coletiva como foco na relação humana.

Estes momentos de reflexão tendem a levar o ouvinte ao desejo de se aprofundar

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

sobre a própria história. É comum alunos, após ouvirem uma história que lhes cativa, peçam que se recontem ou a busquem por meio de leitura posterior. Há, portanto, uma intersecção natural entre a oralidade e a leitura, visto que uma instiga a outra, e se a primeira é momento coletivo, a segunda é momento individual, processo simbiótico no qual não existe uma hierarquia de uma atividade sobre a outra.

A palavra escrita permite, pelo seu registro, a viabilidade de se voltar várias vezes ao texto, o que resulta em novas reflexões. Este movimento; escutar a história - dialogar sobre a mesma - leitura posterior, torna o aprendizado um movimento em espiral; após ouvir, se discute, se lê, se rediscute ou relê, levando à patamares mais elevados de apreensão de conceitos e desdobrando-se em subjetividades construídas a partir dessa experiência, ora individual, ora coletiva.

O ato de contar histórias abre assim um viés transversal, que extrapola situações de cunho simplesmente didático, abarcando na formação cultural, social e subjetiva do ouvinte; é descobrir outra dimensão da palavra falada. Ao escutar, o ouvinte recebe um estímulo à sua imaginação, experiência de construção imaginativa e imagética, propicia a construção de sua própria subjetividade, por meio deste processo se oportuniza a criação da linguagem simbólica dos sujeitos.

Uma história bem contada deixa marcas profundas em seus ouvintes. A história não termina de se expandir quando sua narração se encerra. Ela fica lá, voltando pelos meandros do ser humano, fazendo contato com outras histórias pessoais, revelando coisas adormecidas, levantando outras experiências similares, até se depositar no fundo e se misturar com tantas outras que já ocupam espaço no interior de cada um. (SISTO, 2012, p. 70)

O fato é que contar histórias, ou mesmo todo conceito oferecido a apreensão do aluno, seja na contação ou na indicação de leituras, devem dizer respeito à uma formação global e cultural do sujeito, pois como afirma Betelheim (1980): “[...] a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprende a ler não acrescenta nada de valor a nossa vida”.

Através de histórias de qualidade, os indivíduos podem compreender melhor seus problemas interiores e possibilidades de soluções para os mesmos, bem como a coragem de enfrentá-los. Não é pouca coisa, considerando a sociedade contemporânea, na qual as situações cotidianas são cada vez mais complexas e os problemas que se

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

apresentam exigem criatividade em suas resoluções e não fórmulas prontas.

Além do mais, sendo as histórias orais parte de patrimônio imaterial da humanidade, observamos ser o contar destas um ato de resistência à massificação cultural. É da diversidade cultural que nasce a criatividade; cada cultura unitariamente tem sua singularidade e, ao mesmo tempo, interage com outras culturas específicas, universalizando-se, tornando os indivíduos ao mesmo tempo: únicos e múltiplos. Morin (2011, p. 48) afirma que “O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. [...] A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura”.

O professor/contador é, portanto, agente de cultura, veículo legítimo das tradições e de organização da memória coletiva; quem conta tem a força da palavra que molda a quem escuta, porque cada história tem sua moral, sua postura ideológica que reflete o espelho de uma sociedade específica a qual pertence, transitando assim entre o coletivo e o individual.

Ao contar histórias e mais especificamente, mitos e contos de fada ou folclóricos, se auxilia a formar psicologicamente os indivíduos e ajuda a lhes dar equilíbrio pessoal. Tais histórias confrontam o ser humano com dificuldades milenares como morte e medo, com obstáculos que aparecem no decorrer da existência humana, com a necessidade de se enfrentar a vida mesmo por vezes se sentindo menor e frágil frente ao todo, enfim, todos os problemas existenciais necessários para o amadurecimento humano.

O contar histórias possibilita a absorção desta experiência, cada qual a partir de uma mesma história contada criando sua própria percepção. Bettelheim (1980, p. 19), afirma que “[...] o significado de cada conto de fadas será diferente para cada pessoa, e para mesma pessoa em vários momentos de sua vida”. É por este motivo que em educação, não devemos ser excessivamente didáticos ou explícitos na contação, porque cada qual preenche as lacunas de significados conforme suas necessidades, ampliando, reorganizando e adquirindo novos conceitos culturais.

Ao se explicitar ao ouvinte o motivo pelo qual determinada história é para este tão cativante, se destrói o encantamento da história, fazendo o sujeito perder o potencial

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

do aprendizado, de compreender e dominar por si o significado que a história lhe propõe. Citando Bettelheim (1980, p. 27) “[...] encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido e resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros”.

Ao se trazer histórias de diferentes culturas e buscando as que existem em nossa própria cultura, perceberemos os pontos de contato comuns entre elas ao mesmo tempo que ampliamos o leque de consciência do aluno/ouvinte, aumentando desta maneira seu campo de visão cultural, o qual permite um olhar multicultural e um entendimento mais amplo sobre o mundo e as diferenças humanas, aprendendo a ter um olhar de alteridade com o outro, ao mesmo tempo em que se reconhece na especificidade de sua própria cultura. Cada história contada é libertada pelo hábil professor/contador de encerrar-se num fim em si mesmo, para conectar o aluno/ouvinte a sua realidade interior e a relacioná-la ao contexto global de culturas diversas, capacitando-o assim a ser sujeito crítico, consciente de seu papel no mundo.

O aspecto cultural do ato de contar histórias confere um olhar estético que ultrapassa o conteúdo programática que esta possa ter. Quando a narração oral se apropria de seus elementos culturais, regionais, atinge de forma efetiva seu público ouvinte, que a reconhece como verdadeira, porque se reconhece nela. Significa transportar para a vida do ouvinte a própria cultura da humanidade e permitir que ele crie por meio desta experiência sua própria identidade cultural. A experiência estética dá vazão a construção da linguagem abstrata e subjetiva do sujeito. Recursos estéticos simples, como objetos, imagens, jogo de luzes, música e entonação de voz, não oferecem um produto acabado, mas abre espaço para que este participe ativamente do processo, criando estímulos pelos quais o ouvinte constrói sua própria experiência estética e cultural. Sisto reitera este valor:

[...] contar histórias hoje, significa salvar o mundo imaginário. Vivemos em nosso tempo, o império das imagens quase sempre gerais, reprodutoras e sem individualidade. Essa reprodução desenfreada, operada por uma série de meios de comunicação, em muitos casos, impede o livre exercício da imaginação criadora. O espaço que sobra para o destinatário influir no produto é quase nenhum. (SISTO, 2012, p. 32)

A escola enquanto espaço formador dos sujeitos, deve propor aos educandos experiências outras, que possam lhes ampliar os horizontes, sendo o ato de contar

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

histórias nesta dimensão, ferramenta essencial porque deixa marcas indeléveis na formação cultural do aluno/ouvinte.

As experiências culturais que ocorrem por meio do contar histórias são ricas para os alunos, sendo que muitos destes têm apenas no espaço escolar a possibilidade de vivenciá-las. Todo ser humano necessita deste contato com as narrativas, isso ocorre desde o início da criação da linguagem oral, quando o homem se viu impelido a se comunicar e posteriormente registrar suas narrativas. O contar tornou-se assim parte essencial da vida humana, e a escola, enquanto espaço pedagógico deve, portanto, favorecer por meio do contar histórias o desenvolvimento da capacidade de comunicação oral do indivíduo, tão essencial para o estar no mundo.

Considerações finais

Considerando a importância da oralidade como constituinte da sociedade como um todo, o contar histórias no espaço escolar como uma ferramenta didática, se mostra aliado eficiente no processo de formação global do indivíduo. É relevante que o professor como mediador deste processo, tenha uma formação consistente como leitor e seja capaz de imbuir-se de um espírito de “contador de histórias”, captando os anseios de seu público ouvinte, descortinando aspectos culturais de cada conto permitindo ao aluno/ouvinte sentimento de alteridade.

É o professor que, como hábil contador, fomentará a curiosidade e o desejo do aprendiz do aluno. Ademais, o contar histórias, traz um viés interdisciplinar para o aprendiz, apresentando possibilidades não previstas em conteúdos curriculares apresentados de maneiras didáticas engessadas. É preciso ter em mente que o aluno é indivíduo, e sua formação deve ir além do âmbito escolar.

Contar histórias é, antes de tudo, lidar com a formação do ser humano, para que este seja também agente social, vivendo no mundo e interagindo com ele, e, por conseguinte que este seja capaz de voltar-se para seu interior, refletir sobre si mesmo e sobre a sociedade que vive. Ao se contar narrativas carregadas de significados simbólicos e culturais diversos, se estimula a construção de identidade pessoal, da criatividade e da

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

autoafirmação subjetiva, capacitando o indivíduo a participar numa sociedade vez mais complexa.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria-análise-didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DOMINGUEZ, Ana Beatriz. **Ensinar histórias: quem são os griots?** Disponível em: <[//ensinarhistoria.blogspot.com.br/2013/05/quem-os-griots.html](http://ensinarhistoria.blogspot.com.br/2013/05/quem-os-griots.html)>. Acesso em: 24 set. 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

NKAMA, Boniface Ofogo. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. A formação do contador de histórias na África. In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice. **A arte de encantar**. O contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012.

PÈREZ, Elvia. Narração oral ou teatro? A arte de contar histórias e o teatro. In MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice (Orgs.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012.

DIANA, Daniela. **Qual a diferença entre ouvir e escutar?** Disponível em: <<https://www.diferenca.com/ouvir-e-escutar/>>. Acesso em: 24 set. 2017.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos: sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VIGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos**

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Recebido em: 16/04/2020

Aceito em: 15/05/2020